

Desenvolvimento ou constituição do sujeito (do desejo)* - 26/09/2016

Sujeito como objeto. Para Freud-Lacan[1] não há um desenvolvimento do sujeito, mas ele se constitui por operações como o estágio do espelho e o complexo de Édipo. O sujeito é objeto do discurso dos pais antes mesmo de nascer da união que se dá entre o homem e a mulher regulada pela proibição do incesto. Ou seja, frente à indiferenciação natural há a lei cultural que tem por pressuposto a estrutura da linguagem, lei que se dá na ordem do discurso. Desde a vida uterina a mãe já está habitada pela lei e pelo desejo e a criança, antes de nascer, é objeto do outro. A satisfação das necessidades da criança, que não são naturais porque marcadas pela linguagem, implica o auxílio da mãe e por aí se dá o processo de constituição da subjetividade. O sujeito sustenta-se na vida pelo outro e no ordenamento simbólico dos desejos.

Desejo como falta. O grito do recém-nascido desamparado se faz demanda e passa-se de um estado de inanição à satisfação (diferença nada-tudo) que se constitui como um traço mnêmico que funda o aparelho psíquico. Quando a necessidade reaparece acontece um novo grito pela demanda (quer repetição), mas o que se oferece, difere: há uma falta (diferença) e o desejo se constitui como “estar em falta”. Essa experiência de satisfação é mítica porque o que se oferece é um objeto feito de cultura e o adulto não pode responder à altura da Necessidade. A criança já nasce no quadro desiderativo do adulto em posição de objeto e o seu desejo não é natural: o desejo deseja o desejo do outro enquanto ser desejante. Desejamos ser desejados _pelo outro_ como fomos na experiência mítica, portanto a subjetividade não se desenvolve como um germe no organismo. Se a subjetividade está no desejo do outro ela só precisa de um organismo para se encarnar e onde ocorre a luta entre desejos contraditórios e a luta entre o desejo e a biologia. A experiência originária de satisfação completa que não ocorreu torna-se modelo inalcançável de cumprimento do desejo que visa a repetição dessa satisfação incondicional.

Sujeito impulsionado pelo Outro. Se o desejo é o sujeito em falta, há um impulso que o impele para frente associado à pulsão, cuja fonte é a zona erógena, o objeto é contingente e o fim é a satisfação. O desejo se realiza, mas não se satisfaz, pede qualquer demanda, volta a pedir o que foi tirado e, não satisfeito, reabre a pulsão. A pulsão [inconsciente] habita o “Id” (isso) mas não é interior, é o outro que pulsiona o sujeito a seguir avançando norteadado pelo traço mnemônico. Os desejos são movidos por significantes e as coisas só estimulam enquanto significantes dos desejos dos outros. O sujeito é lançado no mundo buscando na realidade humanizada pelo discurso. Seu agir é de natureza discursiva capturada pelos significantes e ele cria mercadorias por

intermédio da estrutura da linguagem.

Sujeito assujeitado. Se o desejo é condição, ele também é efeito do discurso, mas recalcado antes da aparição da linguagem como função. Assim, o sujeito é sujeitado ao discurso do Outro antes de ser seu autor como mostra o estádio do espelho: faz um no seio do outro.****

* * *

* Alguns aspectos de "Desenvolvimento ou constituição do sujeito (do desejo)". Em LAJONQUIÈRE, R. _De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens_. Vozes, Petrópolis, 1993. FEUSP-EDF0294/201602 \- prof. Douglas Emiliano Batista.
[1] conforme nota de aula de 26/09 o estádio do espelho é um conceito lacaniano.